

A terapia de Lero-lero

VÂNGELA MARIA ISIDORO DE MORAIS

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

A terapia de Lero-lero

Vângela Maria Isidoro de Moraes —

Certa vez entrei de licença para acompanhamento de meu pai, em função de sua grave enfermidade. Homem do interior, esteve por meses seguidos na capital, buscando tratamento. A rotina se resumia a consultas periódicas e emergenciais; transfusões de sangue; cuidados com alimentação e higiene; e amparo para sua locomoção. Mas os formulários preenchidos nas pranchetas médicas não dão conta das travessuras que empreendemos na função de cuidadores. A rotina de remédios, as visitas do SAMU na madrugada, a morada improvisada em casas e em ruas de pouco horizonte na agitada metrópole foram entristecendo meu pai. A terapia pedia algo novo e ele logo me deu uma missão:

— Indo ao interior, minha filha, vá ver como tá o bichinho.

— Quem, pai?

— O Lero-lero. Faça ele cantar, grave e traga para eu ouvir - disse nostálgico.

Papai tinha um galo de estimação. Lero-lero quer dizer conversa mole.



Acho que foi assim designado só para gerar as muitas gargalhadas de meu pai, que ainda sou capaz mentalmente de ouvir. “Espia, escuta aí, olha que galo sem-vergonha!”. Essa era a maneira dele admirar a performance ativa e orgulhosa de Lero-lero.

Afastei-me de seu Luíz e fui em busca de sua terapia a cerca de 350 km de distância, por quase seis horas de viagem de ônibus. Combinei e contei com a ajuda de um sobrinho que também mora no interior. A tarefa exigia planejamento e estratégia.

A casa da família onde há pessoa afastada por doença tende a transmutar-se com a situação. O silêncio, as janelas fechadas, as folhas ao chão no quintal proferem palidez ao cenário e parecem sofrer as ausências. Então, corremos o olhar e lá no fundo do grande pátio estava Lero-lero. Julguei, de partida, que seria fácil. Afinal, papai havia me dado algumas coordenadas, como a hora em que o galo costumava cantar, cedinho ou por volta do meio dia. Optei pela segunda dica. Naquele sol de rachar, o galo não fez um tom obsequioso conosco, os visitantes. Liguei a câmera e pedi ao meu sobrinho, Junior, para “interagir” com o galo. Então foi ti-ti-ti pra cá, cococoró pra lá, corre daqui, esconde dali, espanta, faz que voa... e nada. Trocamos de papéis. Júnior foi gravar e eu acionei outra técnica mais intimista: botei para “conversar” com o bicho e tentar explicar os motivos tão elevados daquela arte. Ainda bem que o alto muro do cemitério colado ao da nossa casa e os recatados vizinhos nos protegeram do constrangimento. Lero-lero nem aí. O galo insensível não quis colaborar.

Exaustos, prometemos que iríamos fazer seu Luíz ficar alegre, mesmo assim. Foi aí que tivemos a ideia de procurar na internet um canto bem bonito de galo. E como tem! Afinal, galo canta praticamente do mesmo jeito. Nessas horas, o desejo de ajudar e o artifício enganador tendem a criar um conflito ético. Quem nunca se amparou na frase “É por uma boa causa”? E lá fui eu de volta com o áudio de um galo qualquer, captado por alguém que certamente nunca imaginará os usos que dele fizemos.

Depois do pedido da bênção, forma primeira e respeitosa de cumprimentar, meu pai pergunta:

— Como deixou as coisas por lá? O pessoal tá bem? E o Lero-lero, conseguiu fazer ele cantar?

As duas primeiras perguntas são apenas a ponte para chegar à margem desejada, o galo do coração. Antes de acionar a tecla para a escuta do melhor e mais prolongado canto do galo, falei das peripécias de Lero-lero, disse como ele parecia maior, mais forte, com a plumagem mais colorida, que desfilava pelo terreiro quase soberano. E o meu sábio Luíz logo me cortou a conversa:

— Você parece que está me enrolando. Cadê o celular? Bota aí para eu ouvir meu Lero-lero.

Prontamente obedeci. E de imediato, meu pai, que passava a maior parte do tempo deitado, fez um esforço, se sentou na cama, temperou a garganta com um som costumeiro:

— Pera inda! Bote de novo!

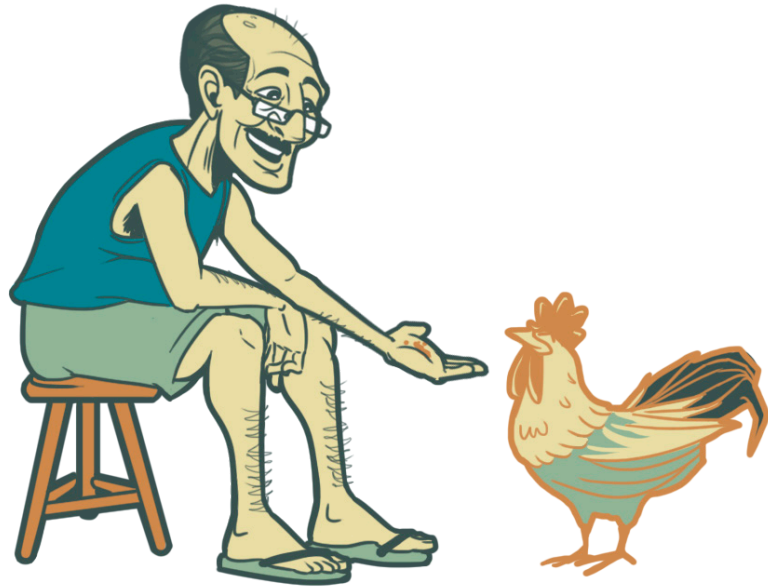
A risada veio junto com a reclamação:

— Sua cabrita, esse aí mesmo não é meu Lero-lero, nem aqui nem na China. - Desabei do lugar farsante e argumentei:

— Mas papai, é igualzinho! Eu fiz as fotos, o senhor escuta esse áudio e olha para essas imagens. - Já fui apelando! Vendo meu aperreio encenado, ele considerou em tom professoral:

— Meu Lero-lero não gostou de vocês por lá, por isso não cantou.

Meses depois, desenganado pelos médicos, ele e nós tomamos a mais difícil e sábia decisão: voltamos para a casa no interior. Meu pai viveu por mais quarenta dias, revigorado em seu lugar no mundo, no contato com os amigos, fortalecido pela prosa na calçada, pelo jogo de sinuca e, principalmente, embalado pelo canto do galo de estimação. Ainda hoje, quando ligo para conversar com mamãe, vez por outra Lero-lero interfere na comunicação, parece querer me zombar. Mas não, Lero-lero é um canto de saudade e de riso.



Eita, galo! Por capricho, você também se torna hoje a minha terapia, ao escrever para atravessar meu luto. Que seja, então, entre palavras, memórias e cantos.

Sobre a autora

Professora adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Possui Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Na docência, atua prioritariamente na área das mídias alternativas e comunitárias, com foco sobre temas como migração, etnicidade, jornalismo ambiental e regional. Aprecia os estudos de interculturalidade e, vez por outra, se lança na escrita livre de crônicas e contos como forma de revigorar a memória cotidiana de algumas experiências mais marcantes. É autora do livro *Filhos de Deus e netos de Makunaima: apropriações do catolicismo em terras Macuxi*, resultante de sua pesquisa de doutorado junto aos indígenas da comunidade Maturuca na terra Raposa Serra do Sol, em Roraima.